



O FUTEBOL COMO INSTRUMENTO POLÍTICO NA CRISE MIGRATÓRIA NA ALEMANHA E NA EUROPA

Luiz Gonzaga Godoi Trigo*
Universidade de São Paulo - USP
trigo@usp.br

Guilherme Silva Pires de Freitas**
Universidade de São Paulo - USP
gui_sp_freitas@yahoo.com.br

RESUMO: Este artigo tem como tema analisar e buscar discutir o papel político e social do futebol na presente crise migratória que atinge a Europa, dando maior destaque e ênfase para a Alemanha, país mais rico da União Europeia e principal destino dos refugiados. Enquanto autoridades demoraram para agir e decidir o que fazer, os torcedores tomaram frente e se manifestaram em prol dos imigrantes que chegavam ao país criando o bordão *Refugees Welcome*. Posteriormente foram os clubes que se engajaram em campanhas solidárias, mostrando a força e responsabilidade social que o esporte possui. Este texto tem como objetivo mostrar como o futebol pode ser uma importante ferramenta de inclusão e para compreendermos assuntos complexos da atualidade através do esporte.

Palavras chaves: futebol – Alemanha – refugiados – imigração

FOOTBALL AS A POLITICAL INSTRUMENT IN MIGRANT CRISIS IN GERMANY AND EUROPE

ABSTRACT: This article focuses on analyzing and showing the political and social role of football in the actual migrant crisis in Europe, giving more prominence and emphasis to the case of Germany, the richest country in the European Union and the main destination of refugees. While authorities were slow to act and decide what to do, the fans took front and demonstrated in favor of immigrants who arrived in the country creating the slogan *Refugees Welcome*. Later, the clubs were engaged in solidarity campaigns, showing the strength and social responsibility that sport has. This text aims to show how football can be an important inclusion tool to understand complex issues of our time through sport.

Key words: football – Germany – refugees – immigration

* Professor titular da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP), atuando nos mestrados de Turismo e de Estudos Culturais e na graduação de Lazer e Turismo. Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas.

** Mestre em Estudos Culturais pela Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo.

No dia 2 de setembro de 2015 o mundo ficou chocado ao ver uma imagem perturbadora se espalhar pela internet. Na foto jazia na Praia de Ali Hoca, na costa da Turquia, o corpo do pequeno Aylan Kurdi, um garoto sírio de três anos de idade que morreu afogado com a mãe e o irmão após o barco em condições precárias em que estava naufragar no Mar Mediterrâneo.

Aylan era mais um dos milhões de refugiados sírios que fogem desesperadamente do conflito civil em sua terra natal e tentam alcançar a Europa através de arriscadas travessias pelo mar que já vitimaram milhares de indivíduos. A crise migratória vem sendo um grave problema para autoridades europeias há um tempo e a comovente imagem do garoto sem vida nas areias de Ali Hoca fez com que medidas e providências mais urgentes fossem tomadas para tentar sanar esta calamidade que, porém, continua longe de uma solução.

O levantamento mais recente feito pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (Acnur), em junho de 2017, contabilizou que 65,6 milhões de pessoas foram forçadas a deixar seus lares devido guerras e conflitos até o final do ano de 2016. Desse número 22,5 milhões eram refugiados, sendo 55% deles oriundos de apenas três países: Síria, Afeganistão e Sudão do Sul. Um número que vem aumentando ano após ano principalmente a partir de 2011, coincidentemente, quando teve início a guerra civil síria. Segundo o mesmo relatório, existem 10 milhões de pessoas apátridas que tiveram nacionalidade e acesso a direitos básicos como educação, saúde, emprego e liberdade de circulação todos negados.¹

Essas pessoas se enquadram naquilo que Bauman classifica como “subclasse”, que são aqueles que foram exilados nas profundezas além dos limites da sociedade, dos conjuntos no interior do qual as identidades podem ser reivindicadas e respeitadas. E os refugiados ainda têm negado seus direitos à presença física dentro de territórios sob leis soberanas, exceto em “não lugares”, como por exemplo, os campos de refugiados.²

O mesmo Bauman define os refugiados como:

[...] pessoas sem Estado, mas num novo sentido: sua carência é elevada a um nível inteiramente novo pela inexistência, ou pela presença fantasma, de uma autoridade estatal à qual sua cidadania pudesse referir-se. [...] Mesmo que permaneçam estacionários por algum tempo, estão numa jornada que nunca se completa, já que seu

¹ ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA REFUGIADOS. **Figures at a Glance**. Disponível em: <<http://www.unhcr.org/figures-at-a-glance.html>>.

² BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

destino (seja de chegada ou de retorno) continua eternamente incerto, enquanto o lugar que poderiam chamar de "definitivo" permanece para sempre inacessível. Nunca estarão livres de um persistente senso de transitoriedade e indefinição, assim como da natureza provisória de qualquer assentamento.³

O principal destino deste grupo é a Alemanha, Estado mais rico da União Europeia. Desde 2013 o país vem recebendo um grande número de refugiados, em sua grande maioria oriundos da Síria, Iraque, Albânia e Kosovo. Segundo números do Departamento Federal de Estatística da Alemanha (Destatis)⁴ o país recebeu só no ano de 2015 quase 2 milhões de imigrantes, sendo que foram 1,1 milhão líquidos e cerca de 860 mil deixaram o território no mesmo período.⁵ Este é o maior fluxo migratório da história do país após a reunificação no início da década de 1990.

Esse alto contingente de imigrantes impactou na situação política. Inicialmente o governo alemão foi um dos primeiros e mais aguerridos em acolher os refugiados, mas com o aumento do fluxo migratório algumas posições foram contestadas por parte da população e passaram por mudanças. Após uma forte pressão da oposição e de setores conservadores, a primeira-ministra Angela Merkel sofreu uma queda de popularidade e resolveu tomar medidas mais duras, como tentar diminuir o trânsito de pessoas que chegam ao país e ameaçando de expulsão quem não respeitasse as leis locais.⁶

Alguns acontecimentos como os casos de abusos sexuais durante a festa de réveillon na virada de 2015 para 2016 em Colônia, por exemplo, fizeram com que o governo alemão endurecesse algumas medidas contra os refugiados e outros imigrantes recém-chegados. O discurso populista e xenófobo propagado pela extrema-direita no continente cresce e começa a atrair atenção de parcelas da população. Nas eleições parlamentares de 2017 o jovem partido Alternativa para a Alemanha (AfD), criado em 2013, foi a terceira sigla mais votada e registrou 12,9% dos votos para o Bundestag,

³ BAUMAN, Z. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

⁴ DESTATIS. **Net immigration of foreigners in 2015 amounted to 1.1 million**. Disponível em: <https://www.destatis.de/EN/PressServices/Press/pr/2016/03/PE16_105_12421.html>.

⁵ DEUTSCHE WELLE. **Alemanha registra 1,1 milhão de refugiados em 2015**. Disponível em: <<http://www.dw.com/pt/alemanha-registra-11-milh%C3%A3o-de-refugiados-em-2015/a-18963840>> .

⁶ FOLHA DE S. PAULO. **Merkel defende expulsão de refugiados condenados da Alemanha**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2016/01/1727774-merkel-defende-expulsao-de-refugiados-condenados-da-alemanha.shtml>>.

alçando a extrema-direita ao parlamento alemão pela primeira vez desde o fim da II Guerra Mundial.⁷

Com um discurso extremamente agressivo e intolerante, chegando inclusive a criticar a seleção de futebol da Alemanha chamando-a de “insuficientemente alemã”, seus membros vem ganhando musculatura política e buscam consolidar-se como nova liderança no espectro conservador do país. Com o aumento do sentimento nacionalista e xenóforo em toda a Europa, Merkel sabe que terá um grande trabalho pela frente principalmente quando tiver que negociar com a oposição.

Essa onda conservadora também pode ser visto nas últimas eleições regionais que aconteceram na Alemanha em 2016. Na ocasião o União Democrata-Cristã, partido da chanceler reeleita Angela Merkel, foi derrotado pelo AfD, no pleito para o Parlamento do pequeno estado de Mecklemburgo-Pomerânia Ocidental, o menor do país em população.⁸ E é justamente nesses locais longe dos grande centros urbanos que esses partidos conservadores crescem.

Essas políticas xenófobas vêm despertando pânico na parcela mais a esquerda e cosmopolita do continente, porém, ao mesmo tempo angaria simpatia em setores de classe média e trabalhadora que sentem-se excluídas e prejudicadas pelos efeitos da globalização. Como cita Giddens⁹ esse comportamento faz com que estes cidadãos europeus afirmem sentirem-se como estrangeiros em sua própria terra, mesmo sendo maioria absoluta em números populacionais. De acordo com Woodward¹⁰, a migração impacta tanto sobre o país de origem, quanto sobre o país de destino, diversificando culturas e comunidades. Elias e Scotson¹¹ afirmam ainda que esta é uma tática comum de grupos nacionalistas e conservadores, pois estes lamentam a perda de seu status e

⁷ EL PAÍS BRASIL. **Extrema-direita entra no Parlamento alemão pela primeira vez desde 1945.** Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/24/internacional/1506276160_113753.html.

⁸ EL PAÍS BRASIL. **Partido xenóforo obtém resultado histórico e supera sigla de Merkel na Alemanha.** Disponível em: http://brasil.elpais.com/brasil/2016/09/04/internacional/1473006281_617652.html.

⁹ GIDDENS, A. **Continente turbulento e poderoso: qual o futuro da Europa?** São Paulo: Editora Unesp, 2014.

¹⁰ WOODWARD, K. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**____In: **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais.** Petrópolis: Vozes, 2014. p. 7-72.

¹¹ ELIAS, N; SCOTSON J. L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2000.

passam estigmatizar quem é de fora repelindo o que consideram como ameaça a seus ideais e tradições.

Dessa forma, o discurso de ódio propagado pela extrema-direita cresce em ritmo acelerado na Europa apoiando-se em retóricas inflamadas e conquistando essa parcela da população que se sente deixada de lado pelo Estado. A vitória do bilionário Donald Trump nas eleições presidenciais americanas é outro exemplo de como uma oratória xenófoba e nacionalista pode resultar em sucesso eleitoral. Nas últimas eleições europeias candidatos com esse perfil conseguiram acumular muitos votos e avançar no jogo político em países como Reino Unido, Holanda, Dinamarca, Áustria e França. Neste último, Marine Le Pen, líder do partido de extrema-direita Frente Nacional, conseguiu repetir o feito do pai, Jean Marie Le Pen, e chegou ao segundo turno nas eleições presidenciais em 2017.

Um debate que parece longe de uma definição e segue sendo assunto entre toda a população europeia e, claro, a alemã. E como não poderia ser diferente, atinge outras esferas da sociedade como o futebol. A modalidade altamente popular na Alemanha também sentiu os efeitos dessa crise migratória onde seus torcedores tomaram frente na causa em apoio aos refugiados que chegam ao continente.

REFUGEES WELCOME

Em meados de 2015 as imagens de refugiados arriscando suas vidas em precárias embarcações e buscando a qualquer custo chegar a Europa despertou a atenção de todo o mundo. Entre os milhões que buscam asilo em um novo país era comum avistar adultos, jovens e crianças vestindo camisas de grandes clubes do futebol europeu. Cada vez mais globalizado e acessível via TV e internet para todo o mundo, o futebol do velho continente conquista diariamente novos torcedores de outros locais, diminuindo as distâncias físicas e de tempo. Enquanto refugiados buscam a paz cruzando fronteiras, o futebol praticamente não as possui. Ou segundo Giulianotti:

[...] como o futebol tornou-se mais global, o número de atores sociais e sua frequência de interação multiplicaram-se. Velhos limites entre o local, o regional, o nacional e o global são correntemente penetrados ou derrubados. Além disso, a complexidade cultural crescente ou o caráter “híbrido” do futebol reflete essa globalização.¹²

¹² GIULIANOTTI, R. **Sociologia do futebol**: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2010, p.43.

Como afirma Hall, a globalização tem como característica a “compreensão do espaço tempo”, que acelera os processos globais fazendo com que o mundo pareça menor e tenha distâncias mais curtas.¹³ Com isso acontecimentos em determinados locais, como o título do Real Madrid na Liga dos Campeões 2015/16, por exemplo, causa impacto imediato em lugares extremamente distantes de Cardiff fazendo com que torcedores do clube espanhol nas Américas, na Ásia ou na África festejassem a conquista como se estivessem presentes nas arquibancadas do estádio Millennium.¹⁴ Por isso não há surpresa em ver estas pessoas, desesperadas e fugindo de guerras, estarem vestindo camisas de clubes tão poderosos com o nome de jogadores consagrados grafados nas costas. Afinal, como afirma Boniface, o futebol é certamente um fenômeno mais universal hoje em dia do que a democracia e a economia de mercado. Eles também não têm fronteiras, mas não possuem a mesma superfície do futebol.¹⁵

Enquanto os mesmos grandes clubes, dos quais os imigrantes vestiam suas camisas, demoravam a se manifestar sobre a crise migratória seus torcedores resolveram agir e tomar frente. E foi na Alemanha que uma grande campanha em prol desta causa começou. Faixas com o slogan *Refugees Welcome* (em português, Refugiados são bem vindos) em apoio aos recém-chegados ao continente, passaram a ser vistas no meio das torcidas do St. Pauli, Bayern de Munique, Borussia Dortmund, Werder Bremen, entre outros. Aos poucos as mensagens foram se tornando parte do ambiente futebolístico e ganhando espaço na mídia. Com isso os torcedores passaram a se tornar um importante personagem nesta delicada crise migratória influenciando em seguida a população em geral, que adotou o slogan das faixas expostas nos campos de futebol.

Uma torcida não é meramente apenas uma porção de pessoas que deixam suas casas para assistir uma partida sob chuva ou sol, que se vestem com roupas das mesmas cores, que entoam cânticos de apoio e que aplaudem seus ídolos. Para muitos ela é como uma comunidade, um patrimônio único. Por isso é comum que ela seja apelidada por seus próprios membros como uma nação ou facção. Podemos inclusive aplicar a

¹³ HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

¹⁴ O Real Madrid venceu a final da Liga dos Campeões 2016/17 contra a Juventus em partida disputada no estádio Millennium, em Cardiff, no dia 3 de junho de 2017.

¹⁵ BONIFACE, P. **Géopolitique Du Football**. Bruxelles: Editions Compelxe, 1998.

teoria das comunidades imaginadas de Anderson nas torcidas de futebol já que ele dizia que uma comunidade é imaginada é quando:

[...] mesmo os membros das mais minúsculas nações jamais conhecerão, encontrarão ou nem sequer ouvirão falar de todos os seus companheiros (compatriotas) embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles.¹⁶

O mesmo raciocínio vale quando analisamos uma torcida de futebol. Por maior e popular que seja, nenhum torcedor conhecerá todos seus confrades. Porém, ali na massa da arquibancada durante o clima de euforia da partida, ele se sentirá como se estivesse entre irmãos e conhecesse intimamente todos os presentes, ignorando diferenças religiosas, políticas, ideológicas e sociais. Naquele espaço e momento eles são apenas um. Seja na vitória onde voltarão para casa felizes ou na derrota quando deixarão o campo cabisbaixos.

A ação de apoio aos refugiados que começou nas arquibancadas acabou fazendo os clubes e entidades que organizam o futebol no país se mexer. Equipe mais popular da Alemanha, o Bayern de Munique se prontificou a ajudar na construção de estruturas para abrigar os recém-chegados e seus jogadores entraram em campo com crianças refugiadas. O Borussia Dortmund convidou dezenas de imigrantes para assistir partidas em seu estádio e outros clubes como Hertha Berlim, Werder Bremen, Schalke 04, Stuttgart e Wolfsburg fizeram ações semelhantes, além de elogiarem o comportamento de seus torcedores. Inclusive alguns atletas também se engajaram na causa em prol dos refugiados, caso do austríaco David Alaba que atua no Bayern de Munique. Filho de imigrantes da Nigéria e Filipinas, o jogador visitou um centro de refugiados na Alemanha e entregou sapatos e tênis para jovens que estavam ali alojados.¹⁷

Existem diversos bordões populares no mundo do futebol que ninguém sabe quem são os verdadeiros autores ou como eles surgiram. São casos curiosos e que entram para a galeria do rico folclore futebolístico. Uma dessas frases diz que um estádio de futebol vazio é um estádio sem alma. É a mesma coisa para um clube que não

¹⁶ ANDERSON, B. **Comunidades imaginadas**: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 32.

¹⁷ TRIVELA. **Alaba compra vários sapatos e faz o dia de um centro de refugiados um pouco mais feliz**. Disponível em: <<http://trivela.uol.com.br/alaba-compra-varios-sapatos-e-faz-o-dia-de-um-centro-de-refugiados-um-pouco-mais-feliz/>>.

tem torcida. Sem seus fãs, ele não tem alma. Afinal, o que seria das equipes de futebol sem seus adeptos? A relação entre eles é algo extremamente íntimo e em certos aspectos como uma religião ou em casos extremos, questão de vida ou morte; “Os não-profissionais do rito, aqueles que dele participam sem o executar. Aqueles que se exaltam diante de seus ídolos, discutem, brigam e às vezes matam ou morrem por sua divindade clubística.”¹⁸

Um torcedor permanece fiel até o fim pelo seu clube. Encontrar um “vira-casaca” é algo muito difícil. Durante a vida este indivíduo pode mudar de emprego, de residência, de parceiro (a), de religião, de preferência política e até de nacionalidade. Porém, de time de futebol, raramente ocorre. Ter uma equipe do coração é algo que o torcedor encara como eterno, uma questão de honra e que deve acompanhá-lo pelo resto da vida. E ele também é capaz, em questão de segundos, de conectar o momento vivido com as marcas na memória, as tradições, as histórias de enfrentamento com os principais rivais.¹⁹

Nenhum clube ou torcida na Alemanha foi mais ativo do que o pequeno FC St. Pauli. Disputando a segunda divisão alemã esta agremiação é conhecida mundialmente por sua ideologia de esquerda e pelo estatuto que proíbe manifestações racistas, homofóbicas e xenófobas de seus torcedores. Meses antes do auge da crise migratória os Piratas, como são conhecidos, doaram dinheiro para ajudar vítimas de naufrágios no Mar Mediterrâneo. Seus torcedores foram os primeiros na Alemanha a levar as faixas *Refugees Welcome* para o estádio e um dos mais ativos do mundo a chamar atenção para a situação nas partidas da equipe. Além disso, o clube organizou um amistoso contra o Borussia Dortmund para arrecadar mais dinheiro em prol dos imigrantes.

Este sincronismo entre a ideologia do St. Pauli e o comportamento de boa parte de seus torcedores podem ser considerados aquilo que Carvalho define como torcedor de raízes, que é o aficionado que eleva sua dedicação ao clube do coração a um patamar de pertencimento e acredita que sem ele a equipe e os jogadores estarão expostos a própria sorte.²⁰ Resumindo não basta apenas ir aos jogos e vestir a camisa do clube de que ama, é preciso sentir na pele esse forte sentimento de ligação. Outro clube da

¹⁸ FRANCO JÚNIOR, H. **A dança dos deuses**: futebol, cultura e sociedade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 284.

¹⁹ CARVALHO, J. E. de. **Fantasia**: 150 anos de futebol. São Paulo: Sesi-SP Editora, 2014a.

²⁰ CARVALHO, J. E. de. **Gente**: 150 anos de futebol. São Paulo: Sesi-SP Editora, 2014b.

segunda divisão, o Union Berlim, também cooperou com refugiados abrigando-os na sede de sua torcida organizada enquanto novos alojamentos eram construídos.

O mais impressionante desta ação humanitária é que ela não se concentrou apenas nas equipes da primeira e segunda divisão, que detém mais dinheiro, estrutura e visibilidade internacional. Clubes que disputam campeonatos regionais, alguns até em situação de amadorismo, se empenharam em participar da causa de acordo com suas realidades econômicas para passar uma mensagem de empatia ao mundo.

Um deles foi o pequenino BSG Chemie que disputa atualmente a Regionalliga Nordost, equivalente a quarta divisão alemã. A equipe da cidade de Leipzig decidiu criar um projeto solidário para ajudar na inclusão social de refugiados através do futebol. O clube passou a amparar crianças e jovens que chegam à Alemanha, oferecendo oportunidades para a prática de atividades esportivas e estudo visando uma melhor adaptação dos pequenos refugiados ao novo país e para que possam viver junto com as crianças alemãs. Além desta integração através da bola o BSG Chemie tem como objetivo melhorar vida dos jovens imigrantes e chamar a atenção de clubes de outras cidades para ajudar neste processo de inclusão social através do esporte.²¹

Ao mesmo tempo em que clubes e torcedores se engajaram na campanha, outras instituições ligadas ao futebol e ao esporte também aderiram à causa. A Liga Alemã de Futebol, entidade que organiza a Bundesliga, promoveu ações sociais envolvendo clubes, torcedores e refugiados, a Federação Alemã de Futebol lançou uma iniciativa chamada *1-0 Für Ein Willkommen* (em português 1-0 para as boas-vindas), contribuindo com uma ajuda financeira e a União das Federações Europeias de Futebol doou 50 mil euros.²²

A mesma Federação Alemã lançou um vídeo com alguns jogadores da seleção nacional, atual campeã mundial e famosa pelo seu multiculturalismo, com mensagens pedindo respeito, ajuda e integração para com os refugiados. Uma das estrelas da equipe, o neto de imigrantes turcos Mesut Özil participou destes vídeos e meses depois durante suas férias de verão visitou um campo de refugiados em Saatar, na Jordânia,

²¹ BSG CHEMIE LEIPZIG. **Refugees United - Eine Initiative für Flüchtlinge in Leipzig**. Disponível em: <<https://www.chemie-leipzig.de/index.php?id=refugessunitied>>.

²² UEFA. **Clubes alemães solidários com os refugiados**. Disponível em: <<http://pt.uefa.org/social-responsibility/news/newsid=2280908.html>>.

onde bateu bola com jovens e distribuiu presentes.²³ Joachim Löw, técnico da seleção, doou parte de uma premiação que recebeu em prol dos imigrantes.

Antes de disputar a Eurocopa de 2016, quando perdeu nas semifinais para a também seleção multicultural francesa, a *Mannschaft*, como é conhecido o selecionado nacional, recebeu forte apoio popular e foi definido por Reinhard Grindel, presidente da Federação, como “um dos melhores exemplos de integração bem sucedida e orgulho nacional”.²⁴ Apenas para efeito de comparação, em 2014 na seleção alemã campeã mundial 21% do time tinha alguma descendência estrangeira, 10% a mais do que números da sociedade alemã, reforçando o argumento de sucesso de integração no país²⁵.

Porém, alguns atletas da equipe sofreram com ataques racistas e xenófobos antes da competição. Uma ação publicitária do chocolate Kinder trocou o tradicional garoto loiro da embalagem por imagens dos jogadores quando eram crianças. As fotos dos descendentes de imigrantes Ilkay Gündogan e Jérôme Boateng foram as mais atacadas nas redes sociais por simpatizantes do Pegida, uma organização que se opõe à imigração de muçulmanos na Alemanha. Os militantes extremistas lançaram uma campanha de boicote ao chocolate, que foi rebatida pela fabricante que afirmou não tolerar e concordar com atos que incitem racismo e xenofobia.²⁶

E de fato, o futebol ajudou os alemães a se desvencilhar de antigos traumas. O passado não tão distante dos pesadelos do regime nazista sempre foi um tabu, que muitas vezes os fazem evitar falar sobre o que aconteceu já que qualquer lembrança do período da doutrina nacional-socialista resultava num problema de “caráter nacional”

²³ DEUTSCHER FUSSBALL-BUND. **Özil visits Jordanian refugee camp**. Disponível em: <<http://www.dfb.de/news/detail/oezil-visits-jordanian-refugee-camp-146417/>>.

²⁴ DIÁRIO DE NOTÍCIAS. **A Mannschaft é uma seleção cada vez mais multicultural**. Disponível em: <<http://www.dn.pt/desporto/euro-2016/interior/a-mannschaft-e-uma-selecao-cada-vez-mais-multicultural-5223518.html>>

²⁵ FREITAS, G. S. P. de. **As seleções de futebol multiculturais da União Europeia**. Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais. São Paulo: USP, 2017.

²⁶ DEUTSCHE WELLE. **PEGIDA slammed for racist remarks over Kinderschokolade ad, ahead of Euro 2016**. Disponível em: <<http://www.dw.com/en/pegida-slammed-for-racist-remarks-over-kinderschokolade-ad-ahead-of-euro-2016/a-19282049>>.

que passava a ser envolvido num manto de silêncio.²⁷ Mas o futebol, através da realização da Copa do Mundo de 2006, quando o país foi sede e viu sua população festejar o orgulho nacional sem nenhum constrangimento, e de sua seleção multicultural foi um dos elementos que ajudaram a revelar ao mundo uma nova Alemanha, mais consciente de sua própria diversidade social.

A ação dos clubes alemães atravessou fronteiras e mobilizou outros torcedores e agremiações europeias. Parte da renda das primeiras rodadas da Liga dos Campeões e da Liga Europa da temporada 2015/16 foi destinada a ajuda social. Na Espanha o Real Madrid doou dinheiro e promoveu encontro de refugiados que torcem pelo clube com jogadores da equipe. Na Inglaterra torcedores levaram faixas de apoio aos estádios e o Comitê Olímpico Internacional criou uma fundação para ajudar e apoiar a causa dos atletas refugiados.²⁸

A onda de solidariedade com os refugiados na Alemanha e em outros países europeus mostrou o poder do futebol e como ele pode ser um poderoso instrumento de atuação em casos sociais. Para Hobsbawm o futebol é uma das principais atividades públicas, senão o principal, capaz de combinar três elementos essenciais do mundo atual: a globalização, a identidade nacional e a xenofobia.²⁹

Mesmo com uma ampla rede de apoio aos refugiados, também foram registradas manifestações contrárias a eles principalmente na Europa Oriental. Durante a crise migratória foram países localizados na região central como Sérvia, Hungria, Eslováquia e Polônia que passaram a ser parte inicial da rota para se chegar as áreas mais ricas do continente. Nesse período medidas extremas como o fechamento das fronteiras com cercas, a concentração de imigrantes em campos improvisados precários e a deportação de pessoas foram adotadas pelos governos de alguns desses países mais alinhados com ideologias políticas de direita e nacionalistas.

Como o futebol é um reflexo da sociedade e nem todos são simpatizantes aos imigrantes, foram avistados em alguns estádios destes países cartazes com os dizeres *Refugees Go Home* e *Refugees Not Welcome* (em português, Refugiados voltem para

²⁷ ELIAS, N. **Os Alemães: a Luta Pelo Poder e a Evolução do Habitus nos Séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1998.

²⁸ INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE. **IOC launches Olympic Refugee Foundation in its commitment to support refugees**. Disponível em: <<https://www.olympic.org/news/ioc-launches-olympic-refuge-foundation-in-its-commitment-to-support-refugees>>

²⁹ HOBBSAWM, E. **Globalização, democracia e terrorismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

casa e Refugiados não são bem vindos). Torcedores ultras do polonês Lech Poznan chegaram a lançar uma campanha de boicote a um jogo da equipe após saberem que parte da renda da partida seria destinada em apoio aos refugiados e em Israel, país que faz fronteira com a Síria e teme os efeitos do conflito no vizinho, também foram registradas manifestações xenófobas.

Entretanto, o saldo em apoio a causa humanitária dos refugiados foi majoritariamente positivo e nos ajuda a compreender um pouco mais deste complexo problema. Uma mostra do poder que o futebol e o esporte têm e exercem na sociedade como um instrumento de papel social e do qual eles não podem se omitir de suas responsabilidades.

O PAPEL SOCIAL DO FUTEBOL

O futebol é considerado no senso comum como o ópio do povo e um instrumento para desvio de atenção e alienação social. Galeano afirma que essa opinião é comum de ser ouvida tanto por intelectuais conservadores, que crêem que a adoração ao futebol é quando o instinto animal se sobrepõe a razão humana, quanto por intelectuais de esquerda que dizem que o futebol é um instrumento do capital e desvio de atenção das massas para a revolução.³⁰ De acordo com Roberto Da Matta o termo ópio do povo, passa a ideia de uma projeção da perspectiva da sociedade e do lugar que nela é reservado a atividade esportiva³¹, que na maioria das vezes é considerado algo secundário e sem valor social.

Essa opinião também é compartilhada em partes dentro do universo acadêmico, onde parte da academia vê a modalidade e o esporte em geral como um tema de menor relevância. Elias e Dunning afirmam que muitos intelectuais consideram o esporte como algo vulgar, um lazer que envolve mais o corpo do que a mente, e sem valor econômico, não sendo considerado como um fenômeno que levante problemas sociológicos de significado equivalente aos que habitualmente estão associados com os negócios “sérios” da vida econômica e política.³² Chomsky é um crítico do esporte profissional, que o classifica como um promotor da passividade total e que impede as pessoas de se

³⁰ GALEANO, E. **Futebol ao sol e à sombra**. Porto Alegre: Coleção L&PM Pocket, 2013.

³¹ DA MATTA, R. **Universidade do Futebol**: Esporte e Sociedade Brasileira Rio de Janeiro, Pinakotheke, 1982.

³² ELIAS, N; DUNNING E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

preocupar com as coisas que são importantes para suas vidas, além de ser uma ferramenta de controle e manipulação.³³

Porém, esse pensamento arcaico vem mudando com o passar do tempo e há um crescimento de pesquisas sobre o assunto em diversos campos de estudos que englobam o esporte, inclusive nas ciências sociais e humanas. O futebol não é apenas uma atividade lúdica de lazer ou oportunidade de ganhar pão para atletas de alto-rendimento. É uma importante e poderosa representação cultural que carrega consigo responsabilidades sociais e históricas:

[o] futebol é a última etapa da mundialização. Não existe nos dias de hoje fenômeno mais global. Seu império não conhece fronteiras ou limites. Fenômeno ainda mais raro, é o único império que é popular. [...] Não há nenhum lugar habitado do planeta, por menor que seja, que tenha sabido, podido ou querido resistir à conquista do futebol. Este esporte tipicamente britânico se tornou o esporte mundial.³⁴

Bourdieu³⁵ afirma que a história do esporte é relativamente autônoma que, mesmo estando articulada com os grandes acontecimentos da história econômica e política, tem seu próprio tempo, leis de evolução, crises e cronologia específica. De fato as regras do esporte são um universo a parte, porém, é sua essência que esta em sintonia com a sociedade:

O esporte desempenha um importante papel na formação do homem e da vida em sociedade, matriz de socialização e transmissão de valores, forma de sociabilidade moderna, instrumento de educação e fonte de saúde, estes são alguns dos atributos do fenômeno esportivo.³⁶

O apoio e empatia de torcedores e clubes de futebol na Alemanha neste momento de crise migratória na Europa é um claro exemplo dessa reciprocidade entre o futebol e o corpo social. É nesses casos que o famoso bordão “o futebol é muito mais que um jogo” faz cada vez mais sentido. Uma mostra de como hoje o esporte, principalmente o futebol, tem um papel importante na sociedade moderna, sendo

³³ WOODS, R. B. **Social Issues in Sport**: Third Edition. Champaign: Human Kinetics, 2016.

³⁴ BONIFACE, P. **Football&mondialisation**. Paris: Armand Collins, 2006.

³⁵ BOURDIEU, P. **Como é possível ser esportivo?** ____ In: **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 136-163.

³⁶ ALMEIDA, M. A. B. de; GUTIERREZ, G. **Esporte e Sociedade**. ____ In: **Lecturas Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, v. 133, p. 1, junho 2009. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd133/esporte-e-sociedade.htm>.

considerado um fenômeno universal, além de um aspecto da globalização atual³⁷ e um elemento essencial da cultura de massas.³⁸ Ou como afirma Houlihan, o fenômeno cultural mais importante do século XX e elemento vital no processo de globalização da cultura.³⁹

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como pudemos ver nas páginas anteriores, o futebol pode ser uma ótima ferramenta para se compreender as questões do mundo atual e é um importante elemento para debater estes dilemas. Em diversos momentos da história o esporte, especialmente o futebol, foi utilizado para fins pacíficos e de reaproximação política entre nações, grupos e etnias rivais. Até os dias de hoje ele continua tendo esta função de pacificador e muitas vezes obtêm sucesso em apagar arestas, mesmo que seja temporariamente ou até a bola parar de rolar.

Afinal ele representa muito mais do que uma simples atividade lúdica, sendo também capaz de englobar diversos campos e ser uma questão social, política, cultural, econômica e diplomática, além de esportiva:⁴⁰



Sua centralidade cultural, na maior parte das sociedades, significa que o futebol tem uma importância política e simbólica profunda, já que o jogo pode contribuir fundamentalmente para as ações sociais, filosofias práticas e identidades culturais de muito e muitos povos.⁴¹

Como afirma Toledo, o futebol reúne muitos níveis, temas e dimensões das sociedades contemporâneas: o cosmopolitismo de sua prática, a política, as formas de organização, os interesses econômicos, discriminações raciais, a expansão do fenômeno da violência urbana.⁴²

Na questão dos refugiados que chegam a Europa e no desafio de resolver a grave crise migratória, a modalidade mostrou-se capaz de gerar ações positivas, de

³⁷ STASI, B. Le football: aventure personnelle et phénomène de société ____In: **Géopolitique Du Football. Bruxelles:** Editions Compelxe, 1998. p. 127-132.

³⁸ SUPPO, H. Reflexões sobre o Lugar do Esporte nas Relações Internacionais ____In **Contexto Internacional**, Rio de Janeiro, vol. 34, n. 2, p. 397-433, julho/dezembro 2012.

³⁹ HOULIHAN, B. **Sport and International Politics.** Hemel Hempstead: Harvester Wheatsheaf, 1994.

⁴⁰ BONIFACE, P. **Géopolitique Du Football. Bruxelles:** Editions Compelxe, 1998.

⁴¹ GIULIANOTTI, R. **Sociologia do futebol:** dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2010, p. 8.

⁴² TOLEDO, L. H. de. **Lógicas no futebol.** São Paulo: Hucitec/Fapesp, 2002.

empatia e humanidade, mobilizando os envolvidos com sua prática (torcedores, clubes, atletas e federações) e chamando atenção mundial para este grave problema. É claro que nem tudo são flores e atos de intolerância foram registrados, porém, estas ações extremistas nos servem para mostrar que o futebol não está alheio e a margem da sociedade. Ele sente e reflete os efeitos do cotidiano afinal é uma modalidade esportiva que conta com amplo alcance global e apelo midiático.

O processo de integração desses refugiados na sociedade alemã e europeia não será fácil e feito a curto prazo. Existem diferenças culturais, linguísticas e religiosas que levaram certo tempo para serem assimiladas. O futebol, através das torcidas que receberam bem os refugiados e o caso do clube Chemie em tentar acolhe-los através da prática esportiva, mostra que a modalidade é um importante instrumento civilizatório nesse processo de inclusão dos imigrantes que chegaram ao continente europeu.

ARTIGO RECEBIDO EM 20/11/2016 PARECER DADO EM 14/12/2016



www.revistafenix.pro.br